

# Reflexões sobre língua(gem) neutra no português brasileiro

*Reflections on neutral language in Brazilian Portuguese*

LORRANY LIMA SILVA  
Graduada em Letras - UNIPAM  
E-mail: lorranyls@unipam.edu.br

ELIZENE SEBASTIANA DE OLIVEIRA NUNES  
Professora orientadora - UNIPAM  
E-mail: elizene@unipam.edu.br

---

**Resumo:** A relação mútua entre língua e sociedade é inquestionável. Assim, a dinamicidade da sociedade reflete na dinamicidade da língua e torna evidentes discussões sobre variação e mudança linguística. Nesse contexto, este artigo propôs reflexões acerca da linguagem neutra na língua portuguesa, que tem chamado a atenção de diversas mídias nos últimos anos. Por meio de pesquisa bibliográfica e webliográfica, buscou-se compreender a importância do tema para a inclusão linguística de pessoas da comunidade LGBTQ+ e mostrar evidências de que as mídias contribuem para a divulgação de novas variações e de indícios de mudanças linguísticas. Concluiu-se que, pelo fato de a linguagem neutra promover discussões recentes, há muito o que se debater sobre o assunto. Os linguistas terão papel fundamental na descrição e na análise de discussões futuras sobre essa questão.

**Palavras-chave:** Linguagem neutra. Variação linguística. Não binária.

**Abstract:** The mutual relationship between language and society is unquestionable. Thus, the society dynamics reflect on the language dynamics and make discussions about linguistic variation and change evident. In this context, this paper reflects on neutral language in Portuguese, which has drawn the attention of several media in recent years. Through bibliographic and web-based research, it sought to understand the importance of the theme for linguistic inclusion of people from the LGBTQ+ community and to show evidence that the media contributes to disseminating new variations and signs of linguistic changes. It was concluded that because neutral language promotes recent discussions, there is much to debate. Linguists will play a fundamental role in describing and analyzing future discussions on this issue.

**Keywords:** Gender-neutral language. Linguistic variation. Non-binary.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua portuguesa é, atualmente, o sexto idioma mais falado no mundo. De acordo com Lane (2019, *on-line*), o português é a língua materna de mais de 250 milhões de pessoas, inclusive dos brasileiros. Com uma grande quantidade de falantes diversos,

é inegável a existência de variações linguísticas, principalmente se se considerar a extensão territorial e os processos de colonização do Brasil.

Essa grande quantidade de variações decorre do processo evolutivo da língua, que, quanto mais é usada, mais é atualizada pelos próprios falantes para adequar-se ao contexto social e histórico da época. Consequentemente, tornam-se relevantes estudos que buscam investigar essas variações.

Com o avanço nos estudos sobre a *Teoria Queer*, que afirma que o gênero é construído socialmente, identidades sexuais e de gênero vêm ganhando espaço nessas reflexões, surgindo a necessidade de melhor representar a pluralidade da comunidade LGBTQ+, inclusive na língua. Dessa forma, reflexões envolvendo o uso de gênero neutro na língua portuguesa têm-se tornado cada vez mais comuns nas mídias sociais.

Sabe-se que, pela tradição de uso e pela norma, o português só admite flexões de gênero no feminino e no masculino, não possuindo pronomes/marcações neutras e utilizando o masculino para marcar essa neutralidade, causando discussões acerca do sexismo que acompanha a língua portuguesa. Nesse sentido, existem pessoas as quais não se sentem confortáveis com essa representação binária de gênero, o que levou ao surgimento da proposta de “linguagem neutra” para a língua portuguesa e até mesmo de um *Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva*<sup>1</sup>, como forma de desconstruir os conceitos cis-heteronormativos de gênero, visto que muitas pessoas não se identificam com a designação de gênero masculino nem com a de feminino.

Essa proposta de linguagem neutra foi amplamente difundida nas redes sociais, levando diversas pessoas a entrarem em contato com o manifesto, incluindo alguns acadêmicos, como o professor Guilherme Terreri Lima Pereira, mais conhecido pelo nome artístico Rita von Hunty, uma *drag queen* que, por meio do canal no YouTube *Tempero Drag*, propõe reflexões sobre literatura, política e sociedade.

Uma vez que algo viraliza na internet, pessoas do mundo todo podem entrar em contato com ela. Com a divulgação do manifesto nas redes sociais, várias pessoas passaram a adotar a linguagem neutra. Algumas marcas, inclusive, passaram a trabalhar com campanhas de marketing cada vez mais inclusivas, buscando atingir o maior número de consumidores. Editoras nacionais também têm adotado pronomes neutros para a tradução de livros com personagens não binários e transexuais. Percebe-se, portanto, a grande influência das redes e mídias sociais no comportamento linguístico dos indivíduos. Essa influência pode colaborar para o surgimento de variantes linguísticas.

Tendo isso em vista, o presente estudo teve como objetivo geral refletir sobre as propostas de linguagem neutra no português do Brasil, compreendendo a importância de seu estudo e mostrando evidências de que as mídias sociais contribuem para o espalhamento de novas variações linguísticas, sobretudo para a divulgação das propostas de gênero neutro na língua portuguesa. Além da necessidade de conhecer o significado dessas novas práticas discursivas, foi desejo da autora educar-se sobre temas de gênero e sexualidade que envolvam a língua(gem), procurando, acima de tudo, respeitar a pluralidade de identidades existentes dentro e fora da comunidade LGBTQ+.

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre o documento serão apresentadas no subtópico 2.4.1.

Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica e webliográfica, de caráter exploratório, buscando leituras relevantes para o desenvolvimento do artigo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a fundamentação deste artigo, cujo cerne é a discussão de uma problemática que perpassa pela questão variacionista da língua, abordam-se, inicialmente, os estudos sociolinguísticos para esclarecer a questão de variação e mudança linguística, para, posteriormente, trazer a visão da gramática normativa sobre a flexão de gênero e como ela foi se transformando do latim vulgar para o português contemporâneo. Nesse ínterim, importante é apresentar a diferenciação acerca do conceito de gênero gramatical e gênero social e, por fim, apresentar trechos do *Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva*, documento que deu origem às discussões sobre gênero neutro, além de propor algumas reflexões sobre o assunto e de mostrar exemplos do uso da linguagem neutra nas mídias e da repercussão desse uso.

### 2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Assim como explicam Cunha, Costa e Martelotta (2017, p. 22), a linguística afirma-se como ciência no início do século XX, com a publicação do *Curso de linguística geral*, obra póstuma de Ferdinand de Saussure. A partir desse marco, uma nova postura acerca dos estudos sobre língua(gem) é tomada, e pesquisas sob diferentes perspectivas são realizadas, ramificando a linguística em diferentes áreas de estudo.

Uma dessas áreas de estudo é a Sociolinguística, que, como explicam Cezario e Votre (2017, p. 141),

estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

A Sociolinguística surgiu do interesse e da necessidade de analisar os fenômenos de variação e mudança inerentes às línguas. A teoria firmou-se, principalmente, nos anos 1960, por meio dos estudos de William Labov, linguista estadunidense que a nomeou de *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, ou Sociolinguística Variacionista, como é comumente chamada na área. Por meio de seus estudos, Labov abriu portas para desmistificar a ideia de que a língua seria um caos na comunicação oral e passou a divulgar que, mesmo as variantes, ou seja, a “forma que é usada ao lado de outra na língua” (CEZARIO; VOTRE, 2017, p. 142), mais informais também são dotadas de normas organizadas.

Para Labov (2008, p. 174), “os procedimentos da linguística descritiva se baseiam na concepção da língua como um conjunto estruturado de regras”. O autor explica que, no passado, era comum as normas do sistema linguístico serem consideradas como invariantes, mas que isso mudou com estudos detalhados do contexto social onde a língua é usada, mostrando que diversos elementos estão envolvidos nos processos de variação e mudança.

Como discorrem Cezario e Votre (2017, p. 141), por meio de coleta de dados e de análise dos fenômenos, o sociolinguista observa o grau de estabilidade de uma ou mais variantes, verificando se esta é uma variante que está em seu início ou se ela está mais próxima de atingir a mudança de fato. Isso comprova que as mudanças não são simples frutos do acaso, mas são motivadas por elementos linguísticos e extralinguísticos.

Entre os elementos envolvidos no processo de variação e mudança, encontram-se cinco grandes dimensões estabelecidas por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121), resumidas por Cezario e Votre (2017, p. 149), que são:

- 1) os fatores universais limitados da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos;
- 2) o encaixamento das mudanças no sistema linguístico e social da comunidade;
- 3) a avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa;
- 4) a transição, momento em que há mudanças intermediárias;
- 5) a implementação da mudança: estudo dos fatores responsáveis pela implementação de uma determinada mudança; explicação para o fato de a mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em outros momentos.

Importante salientar que, atualmente, tem-se forte influência das mídias em geral, principalmente da internet, via redes sociais, na divulgação e na discussão de variantes linguísticas, como é o caso da linguagem neutra a ser abordada neste artigo. Nas mídias, tudo acontece de forma muito rápida, como pode-se perceber na quantidade de conteúdos que viralizam diariamente. Como argumentam Raminelli *et al.* (2015, p. 128),

[...] frente a esse cenário inovador e convidativo à inserção de manifestações e ao acesso a uma gama muito maior de informações do que as fornecidas pelos meios de comunicação tradicionais, a exemplo da televisão, jornal e rádio; cria-se um novo ambiente e também uma nova cultura, em que é permitida a qualquer pessoa, desde que com acesso à Internet, a possibilidade de livre produção de conteúdo.

Sendo assim, é possível perceber que as mídias estão desenvolvendo um papel que vai muito além do relacionamento virtual entre indivíduos. Com cada vez mais pessoas tendo acesso à internet, as redes sociais estão nos aproximando de diferentes discussões e temas com os quais, normalmente, poderíamos não entrar em contato em outra situação. O portal de notícias G1 informa que “o uso da internet no Brasil cresceu em 2020, passando de 74% para 81% da população, o que representa 152 milhões de pessoas” (USO DA INTERNET..., 2021, *on-line*). Além disso, as redes estão se tornando palco para pesquisas em várias áreas do conhecimento, uma vez que a grande influência causada por elas na vida das pessoas têm sido objeto de interesse para diversas empresas que financiam essas pesquisas.

Essas novas tecnologias inauguraram um modelo descentralizado e universal de circulação de informações, permitindo uma comunicação individualizada que vem causando, como sinaliza Santaella (2003), mudanças estruturais mais significativas na produção e distribuição de informações, pois as tecnologias digitais tanto alteram de modo relevante os padrões de produção quanto de difusão da cultura midiaticizada (FONSECA; SILVA; TEIXEIRA FILHO, 2017, p. 62).

Foi por meio das redes sociais que o *Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva* foi divulgado. Também por meio delas é que começaram as discussões acerca da necessidade de uma mudança linguística para a inclusão de parte da comunidade LGBTQ+, que não se sente acolhida pela atual flexão de gênero existente na língua portuguesa. Porém, antes de analisar o *Manifesto*, considera-se importante trazer a visão da gramática normativa acerca da flexão de gênero no português.

## 2.2 FLEXÃO DE GÊNERO NA GRAMÁTICA NORMATIVA

No âmbito gramatical, como explica Bechara (2009, p. 111), todos os nomes são dotados de gênero, sendo que, no português atual, eles distribuem-se entre o grupo do masculino e o grupo do feminino. São masculinos aqueles nomes antepostos pelo artigo “o” (o linho, o sol, o clima, etc) e são femininos aqueles antepostos pelo artigo “a” (a linha, a lua, a grama, etc). Essa classificação é oriunda da simplificação ou da redução das flexões de gênero usadas no latim vulgar.

Os gêneros masculino e feminino do português atual têm sua origem nas desinências do caso latino acusativo, sendo o acusativo de segunda declinação (-um) responsável por formar os nomes masculinos e o acusativo de primeira declinação (-am) responsável pelos nomes femininos (MONARETTO; PIRES, 2012, p. 162).

Como foi visto anteriormente, a língua não é estática e passa por constantes transformações. O português “provém do latim, que se entronca, por sua vez, na grande

família das línguas indo-europeias, representada hoje em todos os continentes” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 9). É dessas línguas indo-europeias que o latim vulgar herdou a classificação de gênero em três desinências, as quais, mais tarde, seriam reduzidas a duas, na transição para o português arcaico.

Os nomes de gênero feminino e gênero masculino também estavam presentes no latim vulgar, porém com uma peculiaridade, já que em latim havia um terceiro gênero: o neutro. No português atual, sabe-se que as formas neutras dos substantivos e adjetivos latinos foram absorvidas ora pelas palavras de gênero masculino ora pelas de gênero feminino, não apresentando atualmente expressão gramatical para a categoria semântica neutra (MONARETTO; PIRES, 2012, p. 162).

Corado (2021, *on-line*) acrescenta que, em latim,

o gênero das palavras se classificava em função da sua semântica, isto é, do seu gênero natural. Dessa maneira, constituiu-se, na língua latina, a seguinte oposição entre os gêneros: de um lado, os animados, os quais se dividiam em masculino e feminino, e, de outro, os inanimados, que abarcavam os neutros.

Logo, o gênero neutro do latim vulgar era usado somente para classificar objetos inanimados. Monaretto e Pires (2012, p. 169) apontam que alguns estudiosos de linguística histórica argumentam que o desaparecimento do gênero neutro se deu “pela confusão com o gênero masculino dos casos nominativo, vocativo e acusativo que possuíam terminações idênticas para ambos os gêneros”. Partindo dessa confusão, foi-se apagando, aos poucos, a única marca distintiva fonética na oralidade da terceira declinação, o que levou à absorção dessas marcas pelas outras duas desinências (masculino e feminino), até o seu desaparecimento no português arcaico.

Além da concepção de flexão de gênero colocada por Bechara neste subtópico, Cunha e Cintra (2017, p. 202) acrescentam que “o masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado”. Essa ideia de marcação de gênero vem de Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 89), forte crítico à forma como as gramáticas tradicionais apresentam a flexão de gênero, conforme se verá adiante.

### 2.3 GÊNERO GRAMATICAL VS. GÊNERO SOCIAL

Na seara das discussões acerca de gênero neutro na língua portuguesa, não se podem ignorar questões como a dinamicidade das línguas naturais e não se deve, também, ignorar a distinção entre gênero gramatical e gênero social.

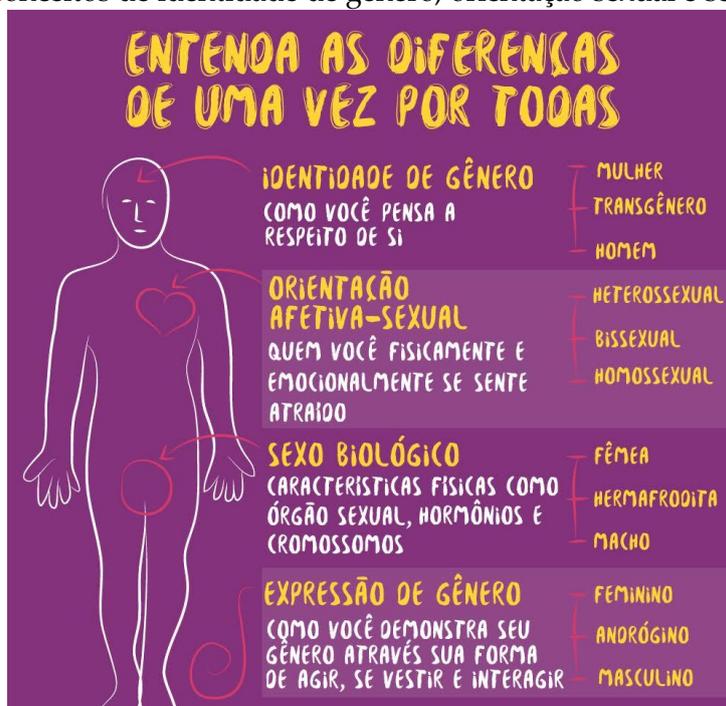
Como antecipado, Câmara Júnior (1970) critica a maneira como as gramáticas tradicionais apresentam a flexão de gênero. O autor traz para a seara gramatical a ideia de marcação de gênero. Como apresenta Cunha (2008, p. 27),

o principal ponto criticado por Câmara Júnior está no fato de, segundo ele, as gramáticas associarem gênero a sexo. Para Mattoso Câmara Jr., todos os substantivos do português pertencem a um gênero, masculino ou feminino, inclusive os que designam coisas, como casa e ponte, sempre femininos, ou palácio, pente, sofá, masculinos. O gênero, segundo o autor, “é uma distribuição por classes mórnicas para os nomes, da mesma forma que o são as conjugações para os verbos. A única diferença é que a oposição masculino – feminino serve freqüentemente para em oposição entre si distinguir os seres por certas qualidades semânticas [...]”.

Assim, é necessário que se faça a distinção entre gênero gramatical e gênero social. Como exposto até agora, entende-se o gênero gramatical como uma classificação morfológica nominal. Dessa forma, passar-se-á para o conceito de gênero social.

Muitas vezes o termo “gênero” é usado de forma equivocada para referir-se a sexo biológico ou à orientação sexual. Resumidamente, Panek (2015, *on-line*) define o sexo como as características biológicas com as quais uma pessoa nasce, podendo ser femininas ou masculinas. Já a orientação sexual são as inclinações afetivas, sexuais e amorosas de cada indivíduo. Por fim, têm-se a identidade de gênero, ou gênero social, termo mais complexo, pois ainda não possui definição concreta por parte dos estudiosos. Na imagem a seguir, vê-se um resumo da distinção desses termos.

**Figura 1:** Conceitos de identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico



Fonte: GÊNERO..., 2017, *on-line*.

Estudos sobre a construção do gênero social foram e ainda são fortemente difundidos desde a década de 1990. Um dos principais nomes nesse meio é Judith Butler, filósofa responsável por apresentar críticas acerca da identidade de gênero e da heteronormatividade, essenciais para a atualização dos movimentos feministas e LGBTQ+ contemporâneos. Por meio de sua *Teoria Queer*, Butler (2003, p. 23) concebe que,

originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Ou seja, enquanto sexo refere-se a questões biológicas inatas ao corpo humano e relacionadas com o conceito de feminino e masculino, o gênero diz respeito aos papéis socioculturais atribuídos a homens e mulheres na sociedade. Sendo assim, não podemos dizer que o gênero decorra diretamente do sexo. Butler (2003, p. 24) completa:

supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete apenas corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devem permanecer em número dois.

Ao romper com a ideia de relacionar gênero e sexo, Butler (2003) introduz o conceito de não binariedade. Percebe-se que, mesmo que o sexo biológico seja classificado de forma binária (corpos masculinos e corpos femininos), o gênero não precisa sê-lo.

### 2.3.1 A não binariedade

A *Revista Galileu* (O QUE É GÊNERO..., 2021, *on-line*) explica que o termo “não binário” não é novo, mas que ganhou maior destaque recentemente, graças às declarações de figuras públicas que não se identificam como homens nem como mulheres. Um exemplo é Demi Lovato, que, em vídeo recente em sua rede social, compartilhou ter passado “por um trabalho de cura e reflexão” e, com isso, ter a revelação de que se identifica como pessoa não binária. “Acredito que isso representa melhor a fluidez que sinto na minha expressão de gênero” (O QUE É GÊNERO..., 2021, *on-line*).

Para entender a não binariedade, é importante compreender, primeiramente, os conceitos de cisgênero (popularmente referido apenas como “cis”) e transgênero (popularmente referido apenas como “trans”). Pessoas cis são aquelas que se identificam com o gênero que lhes foi designado de acordo com seu sexo biológico. Por exemplo, uma pessoa que nasceu num corpo feminino e se identifica como mulher. Já as pessoas transgênero, ou transexuais, não se identificam com o gênero imposto a elas no nascimento. É dentro da categoria trans que estão as pessoas que se entendem como não binárias.

As pessoas não binárias “sentem que sua identidade de gênero não pode ser definida dentro das margens da binariedade” (O QUE É GÊNERO..., 2021, *on-line*); entendem que o gênero ultrapassa a identificação como homem ou como mulher, esclarece a organização *LGBT Foundation* (O QUE É GÊNERO..., 2021, *on-line*). A não binariedade é um termo que pode englobar pessoas de gênero fluido, pessoas agênero, pessoas trans, pessoas intersexo e qualquer pessoa que não se sinta contemplada pelo binarismo.

E o que isso tem a ver com a língua(gem)? Tudo, afinal, a língua(gem) é parte do que caracteriza os indivíduos como sujeitos sociais. É por meio da língua(gem) que os sujeitos se expressam e se comunicam com seus pares. “Se a gente parar e pensar, a língua nos agencia. Nós não podemos existir fora da língua. Toda questão de identidade, de gênero, de sexualidade necessariamente perpassa a linguagem”, afirma Monteiro (*apud* ORTEGA, 2021, *on-line*). Assim sendo, pensar numa linguagem que contemple pessoas não binárias no português torna-se essencial.

## 2.4 A LINGUAGEM NEUTRA NO PORTUGUÊS: ALGUMAS REFLEXÕES

Retomando Butler (2003, p. 45), “não é possível significar as pessoas na linguagem sem a marca do gênero”. Pensando na importância de acolher pessoas que não se sintam confortáveis em referir-se a si mesmas nos conceitos normativos já discutidos de gênero gramatical, foi elaborado por Pri Bertucci e Andrea Zanella o *Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva*, documento que propõe a necessidade de trazer à baila pronomes e flexões de gênero neutro para a língua portuguesa.

### 2.4.1 O que diz o *Manifesto*

Lançado em 2015, o *Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva* foi criado, como dito, por Pri Bertucci e Andrea Zanella. Bertucci, CEO transexual e não binária, comanda o Diversity BBox, uma iniciativa que procura dar consultoria especializada voltada para a diversidade, principalmente sobre questões de gênero e sexualidade, a empresas. Zanella é psicóloga, doutora em educação, pesquisadora e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O *Manifesto* busca sugerir o uso de um novo pronome, o pronome “ile”, e do sufixo “-e” como “uma tentativa de questionar a ‘norma’, a cis-heteronormatividade, aquele conceito que diz que ‘o certo é homem, macho e masculino e mulher, fêmea e

feminina” (BERTUCCI; ZANELLA, 2015, *on-line*). O documento começa argumentando que, atualmente, a língua portuguesa não é flexível o suficiente para designar quem não se identifica como homem nem como mulher e, por isso, torna-se importante pensar em uma alternativa inclusiva.

A discussão de gênero e de sexualidade causa muito desconforto em vários círculos. Há quem não se sinta representado (a) (o) pelas formas normalizantes de expressão: ele ou ela (como se só houvesse 2 possibilidades). Há quem fique desconfortável por perceber que tem gente querendo ser algo que não estava previsto na ‘norma’. Essa divisão em dois, esse binarismo, deixa de fora uma enorme variedade de possibilidades, que não são nem uma coisa, nem outra. E quem está nesse grupo, do nem uma coisa nem outra, continua sendo gente, continua tendo direito de ser como é (BERTUCCI; ZANELLA, 2015, *on-line*).

Os autores seguem o manifesto informando que o uso do pronome “ile” pode parecer estranho, posto que, como apresentado nos tópicos anteriores, as palavras do português são dotadas de gênero, seja feminino, seja masculino. Também citam que fazer concordância com “ile” pode ser difícil no início, mas que esse estranhamento é parte da mudança linguística. “Nos força a ter que lidar, lembrar e reconhecer que nossos padrões não são estáticos. Que a vida não é estática, assim como nossa língua, que aceita os neologismos para poder retratar novas realidades” (BERTUCCI; ZANELLA, 2015, *on-line*).

O pronome “ile” é uma alternativa aos pronomes pessoais da 3ª pessoa “ele” e “ela”. De acordo com a gramática normativa, em uma sala com pessoas de diversos gêneros, para se referir ao grupo todo, seria aplicado o pronome “eles”, mesmo que a maioria dos componentes desse grupo fossem mulheres ou pessoas de outros gêneros. Na proposta neutra de Bertucci e Zanella, “eles” poderia ser substituído por “iles”, fazendo uso de uma palavra que não delimita o gênero dos presentes no grupo.

Para manter a concordância com o pronome “ile”, o *Manifesto* sugere o uso de “-e” no final dos nomes (substantivos e adjetivos). Por exemplo, ao invés de usar “amigo” ou “amiga”, pode-se optar por “amigue”, mantendo a neutralidade. Sendo assim, a frase “Ele é meu amigo” ficaria “Ile é minhe amigue”. Essa opção também evita o constrangimento de tratar pessoas transexuais pelo pronome incorreto, pois errar os pronomes de uma pessoa LGBTQ+, ainda que “sem querer”, também é considerada uma forma de violência, já que essas pessoas têm seus gêneros invalidados diariamente por conta do preconceito.

Em entrevista para o jornal *Estadão*, concedida a Moura (2019, *on-line*), Bertucci esclarece essa questão: “Você gostaria que alguém te chamasse de um gênero que não te representa? Você, homem, gostaria de ser chamado de 'ela'? É isso que eu experimento todos os dias. As pessoas podem achar que [a questão da linguagem] é um capricho, mas não é”. Bertucci também afirma que

vivemos em uma sociedade que não pensa em gênero para além de genital e que vê apenas duas possibilidades de existência: a caixinha rosa e a caixinha azul. É um paradigma de 2 mil anos, não dá para quebrar em uma palestra ou em uma semana de diversidade. Tem de ser um esforço constante (BERTUCCI *apud* MOURA, 2019, *on-line*).

Outra questão trazida no documento diz respeito ao uso dos símbolos “@” e “x”. Ao surgirem as primeiras discussões a respeito de linguagem neutra, esses símbolos eram usados como desinências em palavras para marcar a neutralidade. Retomando o exemplo da palavra “amigo”, a grafia seria “amig@” ou “amigx”. Porém, os leitores de palavras em aparelhos digitais (celulares, computadores, etc) usados por deficientes visuais não conseguiam fazer a leitura das palavras com essas terminações, dificultando a compreensão de textos para pessoas sem visão. É por esse motivo que os autores optam pelo uso da desinência “-e”, compreendido sem problemas pelos leitores digitais.

Para concluir o *Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva*, Bertucci e Zanella escrevem um poema que, ao final, declara:

ile abre um caminho vocal  
 pra que o pensamento compreenda mais nuances  
 para que a inclusão não seja só nos bastidores  
 para que o discurso possa ser ouvido por todes  
 para que a realidade se transforme  
 e que ela se remolde pra abarcar  
 todas as possibilidades do humano (BERTUCCI;  
 ZANELLA, 2015, *on-line*).

Como informado por Bertucci e Zanella no *Manifesto*, o pronome “ile” não é a única alternativa para gênero neutro. Valente (2020, *on-line*) traz uma alternativa ao documento de Bertucci e Zanella, o *Sistema elu*<sup>2</sup>, que também tem como objetivo propor uma forma de se referir a pessoas de forma neutra. As questões de concordância seguem o previsto pelo *Manifesto*, o que muda é o pronome usado, o qual passa a ser “elu”. Esse sistema, unido às ideias do *Manifesto ile*, já é usado por editoras, emissoras de TV, empresas, etc, tanto no Brasil, quanto em outros países falantes de português.

No *Um guia para promover a linguagem inclusiva em português*, Bertucci e Zanella explicam a origem do “ile” e o porquê da escolha desse pronome.

Tomando como referência um dos pronomes demonstrativos neutros do latim (“illud”), consideramos que foneticamente a letra “i” no início do pronome poderia dar a sensação de neutralidade ao “ILE”. Como todo exercício de escrita, leitura e escuta envolvem o uso

---

<sup>2</sup> Para mais informações, sugere-se a leitura de *Sistema Elu, linguagem neutra em gênero*. Disponível em: <https://dezanove.pt/sistema-elu-linguagem-neutra-em-genero-1317469>. Acesso em: 26 set. 2021.

da letra E nas palavras para que se torne neutra, como nos exemplos “cansade”, “animade”, “incluíde”, então o uso do E no final do pronome é o mais adequado. O pronome ILE é o único que apresenta menos problemas gramaticais e na pronúncia, na escuta, na escrita, e na identificação visual, cria-se semelhança entre EU, TU, ILE (BERTUCCI; ZANELLA, 2015, *on-line*).

Também desenvolvidos por Bertucci e Zanella, estão anexados, no mesmo guia, outros arquivos que expandem a visão de linguagem neutra para a de linguagem inclusiva, pensando em alternativas para além do gênero neutro. Muito mais que uma questão de gênero, a linguagem inclusiva ou comunicação inclusiva contribui ainda para assegurar a representatividade na e pela língua.

#### 2.4.2 Alternativas para uma linguagem mais inclusiva

Como Rita von Hunty (2020, *on-line*) afirma em seu canal *Tempero Drag*, “as palavras carregam consigo histórias de transformações sociais”. A *drag queen* e professora também explica que vivemos em uma sociedade onde, historicamente, homens normalmente ocupam espaços de prestígio e que esse fato é refletido na linguagem, por meio da semântica das palavras. Por exemplo, entende-se o significado da expressão “forte como um touro” como algo positivo, mas usa-se a palavra “vaca” como ofensa às mulheres.

Dessa maneira, diversos artigos e manuais foram escritos, por diversos autores e pesquisadores da língua, na tentativa de propor alternativas para termos e expressões considerados machistas, racistas ou sexistas. Um deles é o *Manual para o uso não sexista da linguagem*, publicado em 2014 pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, criado com intuito de revisar a linguagem usada na administração interna do Estado.

No capítulo intitulado *O uso do neutro e o uso de genéricos* do manual, encontram-se alguns exemplos de palavras genéricas que podem ser usadas para substituir palavras cujo gênero é explicitamente masculino. Algumas dicas, como substituir “os professores” por “o corpo docente”, “os coordenadores” por “Coordenação” e “os homens” por “a humanidade” (RIO GRANDE DO SUL, 2014, p. 56-58), quando esses termos se referirem a um grupo de pessoas diversas, são apresentadas no documento e contribuem para o exercício de linguagem mais inclusiva.

Outra recomendação mencionada no capítulo *Profissões exercidas por mulheres* é utilizar, quando possível, o gerúndio “para evitar o uso de algumas palavras que geralmente se identificam com os homens como políticos, diplomatas, médicos ou gentílicos” (RIO GRANDE DO SUL, 2014, p. 69). Dessa forma, a frase “Se os diplomatas tivessem mais competência, a gestão seria melhor” poderia ser reescrita como “Tendo-se mais competência, seria melhorada a gestão diplomática”.

Ainda no mesmo capítulo, aconselha-se “o uso de pronomes, adjetivos, substantivos e verbos (sem a anteposição de determinantes), que não variam no que se refere a gênero, permite-nos falar ou escrever sem que ninguém fique invisível ou

oculto” (RIO GRANDE DO SUL, 2014, p. 70). Em lugar de “Eles buscavam melhores condições”, pode-se fazer uso de “Buscavam-se melhores condições”.

Essas são apenas algumas das alternativas propostas pelo *Manual*, que dispõe de vários textos nos modelos usados pela Instituição, presentes no último capítulo, com os quais o leitor pode exercitar o uso de linguagem inclusiva. Caso seja de interesse, o leitor do documento pode praticar esses usos também no dia a dia, pois, a partir da movimentação e da articulação dessas ideias, os usos vão se tornando cada vez mais naturais nos processos de interação e formação discursiva. Já é possível ver, principalmente nas mídias, os resultados e repercussões dessas discussões acerca de linguagem neutra, como se demonstra a seguir.

### 2.4.3 Linguagem neutra nas mídias e a repercussão dos fatos

Apesar das discussões recentes, a linguagem neutra já é adotada em vários setores, gerando polêmicas que, muitas vezes, ganham espaço nos portais de notícias. Um desses casos foi protagonizado pelo Museu da Língua Portuguesa, em julho de 2021. Ao divulgar a nova logomarca por meio da rede social *Twitter*<sup>3</sup>, a instituição usou a expressão “[...] um chamamento para todas, todos e todes os falantes [...]”, gerando críticas e elogios. Por um lado, os críticos alegam que o uso da palavra “todes” não é excludente e que “todes” é apenas uma “gíria de uma bolha”; por outro lado, outros parabenizam a iniciativa do órgão. O museu divulgou uma nota no jornal *Estadão* (MUSEU DA..., 2021, *on-line*), em que declarou estar “aberto a debater todas as questões relacionadas à língua portuguesa, incluindo a linguagem neutra, cuja discussão toca aspectos importantes sobre cidadania, inclusão e diversidade”.

Outro caso que tomou conta dos portais de notícia foi o da novela *Pega Pega*, exibida em 2017 pela Rede Globo. Em uma cena, a personagem de Elizabeth Savalla usa “amigues” em um diálogo com um grupo de *drag queens*. Martins (2021, *on-line*), no jornal *Folha de S. Paulo*, informa que Cláudia Souto, autora da novela, está escrevendo outro roteiro em que usará novamente linguagem neutra em algumas cenas. Canais de TV fechados e serviços de *streaming*, como a Netflix, também têm adotado, cada vez mais, linguagem não binária em seus conteúdos, como ocorre na série *Sex Education*, que tem pronomes neutros em inglês traduzidos para o português.

O uso de linguagem neutra no meio midiático não se reduz às novelas e séries. Na transmissão esportiva das provas de skate das Olimpíadas de 2020, a skatista e comentarista do SporTV Karen Jonz usou pronomes neutros ao se referir a Alana Smith, skatista não binária. De acordo com Capuano (2021, *on-line*), em matéria para a *Veja*, houve esforço por parte de Jonz e dos colegas para tratar Smith com os pronomes corretos, mas os comentaristas pareciam ter dificuldade em fazer concordância com as demais palavras que acompanhavam esses pronomes. Porém, a tentativa mostra um avanço positivo à mudança. Considerando-se que a TV ainda é o meio midiático de

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://twitter.com/MuseudaLingua/status/1414704318800875520?s=20>. Acesso em: 19 out. 2021.

maior influência do Brasil<sup>4</sup>, estas são formas importantes de fazer chegar pautas sociais, políticas e econômicas para aqueles que não têm acesso a essas discussões por meio da internet.

Outra esfera em que se têm notado passos importantes para o debate referente à linguagem neutra é a das publicações. Pode ser citado, por exemplo, a Editora Nacional, que trouxe para o Brasil o livro *Felix para sempre*, de Kacen Callender. O livro, que conta com protagonista trans e personagens não binários, foi traduzido por Vic Vieira, que optou por traduzir os pronomes em inglês *they/them* para “elu/delu”.

Para jovens trans e não-binários: Vocês são lindes. Vocês são importantes. Vocês são válidas. Vocês são perfeitas (CALLENDER, 2021, p. 4).

Digam seus nomes, pronomes e de onde vocês são. Eu começo. Meu nome é Bex, uso os pronomes elu/delu e sou do Bronx (CALLENDER, 2021, p. 169).

Eu levanto o olhar, encontro os olhos delu por um segundo, e posso ver que elu realmente está dizendo isso genuinamente. Bex quer que eu volte, que eu tente de novo (CALLENDER, 2021, p. 171).

Com a ajuda de amigos e da família, comecei a minha transição social e física como uma pessoa não-binário transmasculino que utiliza pronomes ele/dele e pronomes neutros (*they/them* em inglês, elu/delu no português) (CALLENDER, 2021, p. 325).

Além de *Felix para sempre*, diversos autores nacionais independentes, principalmente aqueles que escrevem para o público LGBTQ+, têm publicado seus contos e novelas no *Kindle Direct Publishing*, serviço da multinacional Amazon, que faz publicação de livros digitais usando linguagem neutra. É o caso da série *Clichês em rosa, roxo e azul*, de Maria Freitas, possuidora de 12 contos, publicados mensalmente em 2020. Protagonizados por personagens bissexuais, os contos também se aproveitam da linguagem neutra quando aparecem personagens trans e não binários.

Na mesma notícia supracitada, a tradutora Paula Drummond, da editora Rocco, comenta essa mudança no meio literário.

A língua serve à sociedade, não o contrário. Se existe uma demanda pelo gênero neutro, a gente tem que aprender a usar. O que me preocupa é que, por não estar normatizado, não tem um padrão. ‘Elu’ é o que mais está se falando agora, mas também tem o ‘ile’. A gente não sabe

---

<sup>4</sup> Dados disponíveis em: <https://www.otempo.com.br/diversao/apos-70-anos-tv-ainda-mantem-forte-influencia-so-bre-a-sociedade-brasileira-1.2387379>. Acesso em: 19 out. 2021.

se vai ficar datado ou até errado daqui a alguns anos (DRUMMOND *apud* MARTINS, 2021, *on-line*).

Drummond, assim como Vieira, trabalhou na tradução de um livro com personagens não binários, intitulado *Cool for the summer: um verão inesquecível*. No comentário, ela expressa a dificuldade em escolher entre os pronomes neutros mais usados atualmente, dado que ainda não há normatização a ser seguida, porém defende que a demanda pelo uso deve ser atendida. Na mesma reportagem, Arthur Ramos (*apud* MARTINS, 2021, *on-line*), da editora Galera Record, tradutor de *Os garotos do cemitério*, defende que o uso de pronomes neutros tem “um peso político”, pois seu uso também é uma forma de levantar bandeiras a favor da comunidade LGBTQ+.

As campanhas publicitárias também têm investido em linguagem neutra. Recentemente, a marca de esmaltes Risqué lançou a coleção *Revolução das Cores*, sendo que um dos esmaltes foi nomeado *Rosa para todes*, fazendo uso de linguagem neutra. De acordo com o PropMark (RISQUÉ QUER..., 2021, *on-line*), o vice-presidente de marketing da empresa afirma: “Este é um momento de ressaltarmos a liberdade de expressão, a versatilidade de cada pessoa e estimular a criatividade e autoconfiança até mesmo na hora de escolher a cor das unhas”.

Em 17 de maio de 2021, Dia Internacional de Luta Contra a Homofobia e Transfobia, a rede de *fast food* Burger King também levantou bandeiras a favor da linguagem não binária em sua rede social<sup>5</sup> para celebrar a data e foi criticada por seguidores. O *Gazeta do Povo* (PARLAMENTO..., 2021, *on-line*) informou que, como resposta às críticas, o restaurante publicou uma nota reconhecendo a complexidade do assunto e reforçando a importância de discuti-lo.

Se, por um lado, existe um avanço a favor dessa mudança linguística, por outro, há fortes tentativas de impedi-la. O atual presidente, Jair Bolsonaro, considera a adoção de pronomes neutros um “aparelhamento na educação” (CAIXETA, 2020, *on-line*), incitando seus apoiadores a levantarem esforços para censurar esse uso. Na época do caso já citado do Museu da Língua Portuguesa, Mário Frias, secretário especial do Ministério da Cultura, afirmou que o uso de gênero neutro pela instituição era “vandalização da nossa cultura” (MARTINS, 2021, *on-line*).

Deputados e demais políticos bolsonaristas têm tentado aprovar projetos de lei no país todo para proibir o uso de linguagem neutra em instituições de ensino, alegando que isso é considerado “enviesamento político-ideológico” (MARTINS, 2021, *on-line*). Dentre os diversos casos, o site da rádio Educadora (2021, *on-line*) cita algumas cidades, como Divinópolis (MG), São Paulo (SP) e Toledo (PR), onde projetos de lei defendendo a proibição do uso de linguagem neutra estão em andamento. Recentemente, o Governo de Rondônia aprovou um desses projetos, e as instituições de ensino e professores do estado que descumprirem a norma podem sofrer sanções. “Segundo o Governo de Rondônia, a lei foi criada para estabelecer ‘medidas protetivas ao direito dos estudantes ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com a norma culta’” (GOVERNO..., 2021, *on-line*).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://twitter.com/BurgerKingBR/status/1394387218026962956>. Acesso em: 25 out. 2021.

Têm-se tornado recorrentes as notícias expondo relatos de professores que são criticados por usarem linguagem neutra nas escolas. Uma professora do 6º ano de Vitória (ES), por exemplo, cumprimentou os alunos com um texto inserido no sistema de aulas virtual contendo “bem-vindes” e foi severamente criticada pelos pais desses alunos. O portal *Tribuna Online* (2021, *on-line*) descreve que os responsáveis dos estudantes levaram reclamações para o vereador da cidade, que, por meio da Secretaria de Educação do município, se reuniu com a professora para repreendê-la e tirou o texto do ar.

Enquanto isso, o portal *Gazeta do Povo* (PARLAMENTO..., 2021, *on-line*), em outra matéria, noticiou que o parlamento venezuelano aprovou, recentemente, uma lei de uso de linguagem neutra “em todas as comunicações orais e escritas emitidas pelas autoridades públicas, assim como em todos os níveis e modalidades do sistema educacional”, a fim de contribuir para a igualdade de gênero.

A linguagem não binária também chegou aos concursos públicos brasileiros. O portal *Brasil de Fato* (CONCURSO..., 2021, *on-line*) informou que o concurso para as Forças Armadas Brasileiras (FAB), realizado em junho de 2021, teve como proposta de redação a utilização de linguagem neutra. A questão apresentou três textos sobre o tema, causando revolta em grupos conservadores e gerando uma denúncia feita por uma juíza bolsonarista. Sendo a favor ou não do uso de linguagem neutra, é fato que encontrar essa discussão em um espaço considerado conservador fomenta ainda mais o debate sobre uma possível mudança linguística.

Por meio desses e outros exemplos que se têm destacado nas mídias, considerando as características da *Teoria da Variação e Mudança Linguística* já citada neste artigo, é possível alegar que o uso cada vez mais recorrente de linguagem neutra no português pode ser considerado indício para uma possível mudança. Retomando as cinco dimensões estabelecidas por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121), é perceptível que a primeira delas — “os fatores universais limitados da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos” (CEZARIO; VOTRE, 2017, p. 149) — já é observável nesse fenômeno. Sabendo-se disso, é provável que o tema continue a gerar discussões por um bom tempo e que os sociolinguistas ainda tenham muito o que analisar.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta que o debate acerca da linguagem não binária é recente, ainda há muito o que refletir. Não foi objetivo deste trabalho dar resposta pronta e acabada ao leitor, mas considerou-se importante trazer algumas reflexões para o meio acadêmico, uma vez que o assunto tem-se popularizado em diversas mídias, principalmente na internet, como foi apresentado.

De acordo com Martins (2021, *on-line*), o uso de linguagem neutra “pela indústria do entretenimento, ao lado da abordagem do assunto em veículos de imprensa e programas de auditório, faz com que ela possa cair na boca do povo, embora de maneira lenta, como é comum com outras mudanças na língua”. Por meio desta pesquisa, pôde-se perceber que empresas têm estado dispostas a cooperar com o uso de

linguagens neutra, seja por apoio à causa, seja pela filosofia do “quem lacra, lucra”. Ou, ainda, por ambos os motivos, como escreveu Martins (2021, *on-line*).

Entende-se que o uso (ou não) de linguagem neutra não será definido nos próximos meses, provavelmente nem nos próximos anos. Mudanças linguísticas são inevitáveis, mas não são imediatas. Dessa maneira, cabe destacar o importante papel de linguistas e demais pesquisadores da língua, que são e serão os responsáveis por descrever e analisar essas mudanças (ou o abandono delas), fomentando as discussões futuras.

Por fim, é importante compreender que não há como prever o que vai acontecer com o uso da linguagem neutra, mas, como foi apresentado, já é possível considerar que essa linguagem começou a ultrapassar a bolha onde começou a ser difundida. Pensando na inclusão linguística da comunidade LGBTQ+, principalmente de pessoas transexuais e não binárias, as autoras desta pesquisa esperam que o impacto dessas discussões possibilite a transformação para uma língua portuguesa que inclua todos, todas e todes.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 574 pp.

“BEM VINDES”: professora de Vitória usa gênero neutro para saudar alunos e prefeitura é acionada. **Tribuna Online**, 2021. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/cidades/bem-vindes-professora-de-vitoria-usa-genero-neutro-para-saudar-alunos-e-prefeitura-e-acionada-90491>. Acesso em: 19 out. 2021.

BERTUCCI, Pri; ZANELLA, Andrea. **Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva**. 2015. Disponível em: <https://diversitybbox.com/pt/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BERTUCCI, Pri; ZANELLA, Andrea. **Um guia para promover a linguagem inclusiva em português**. 2015. Disponível em: <https://diversitybbox.com/pt/um-guia-para-promover-a-linguagem-inclusiva-em-portugues/>. Acesso em: 26 set. 2021.

BURGER KING usa linguagem neutra, critica seguidor e diz que não tolera preconceito. **Gazeta do Povo**, 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves/burger-king-linguagem-neutra-critica-internauta-preconceito/>. Acesso em: 25 out. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 270 pp.

CAIXETA, Fernando. Bolsonaro critica uso de gênero neutro: “Qual o futuro dessa nação?”. **Metrópoles**, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-critica-uso-de-genero-neutro-qual-o-futuro-dessa-nacao>. Acesso em: 19 out. 2021.

CALLENDER, Kacen. **Felix para sempre**. São Paulo: Editora Nacional, 2021. 339 pp.

CAPUANO, Amanda. Linguagem neutra embala cobertura olímpica 'não-binária' na TV. **Veja**, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/tela-plana/linguagem-neutra-embala-cobertura-olimpica-nao-binaria-na-tv/>. Acesso em: 25 out. 2021.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. cap. 9. p. 141-156.

CONCURSO para oficial da FAB traz redação sobre linguagem neutra, e juíza se revolta. **Brasil de Fato**, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/29/concurso-para-oficial-da-fab-traz-redacao-sobre-linguagem-neutra-e-juiza-se-revolta>. Acesso em: 19 out. 2021.

CORADO, Patrícia. **Gênero neutro**. 2021. Disponível em: <https://www.linguaminha.com.br/artigos/genero-neutro/>. Acesso em: 07 set. 2021.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. cap. 1. p. 15-30.

CUNHA, Antônio Sérgio Cavalcante da. A flexão de gênero dos substantivos. **Revista Soletras**, São Gonçalo, v. 1, n. 15, p. 26-34, jun. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4736>. Acesso em: 07 set. 2021.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 800 pp.

FONSECA, Stêvenis Moacir Moura da; SILVA, Andréa Pereira da; TEIXEIRA FILHO, José Gilson de Almeida. O impacto do ciberativismo no processo de empoderamento: o uso de redes sociais e o exercício da cidadania. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 15, n. 41, p. 59-84, 21 out. 2017. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/4375>. Acesso em: 16 ago. 2021.

GÊNERO e orientação sexual: Entenda as diferenças de uma vez por todas. **Almanaque SOS**, 2017. Disponível em: <https://www.almanaquesos.com/genero-e-orientacao-sexual-entenda-as-diferencas-de-uma-vez-por-todas/>. Acesso em: 19 maio 2022.

GOVERNO de Rondônia proíbe uso da linguagem neutra em escolas públicas e privadas. **G1**, 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/10/21/governo-de-rondonia-proibe-uso-da-linguagem-neutra-em-escolas-publicas-e-privadas.ghhtml>. Acesso em: 25 out. 2021.

HUNTY, Rita von. Linguagem neutra @ELLE Brasil. Rio de Janeiro: **Tempero Drag**, 2020. (15 min.). Disponível em: <https://youtu.be/WAzsxxMMIIM>. Acesso em: 29 mar. 2021.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 478 p.

LANE, James. **Os 10 idiomas mais falados no mundo**. 2019. Disponível em: <https://pt.babbel.com/pt/magazine/os-10-idiomais-mais-falados-no-mundo>. Acesso em: 29 mar. 2021.

MARTINS, Pedro. Linguagem neutra, de 'amigues' e 'todes', ganha a TV, os livros e a cultura pop. **Folha de S. Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/linguagem-neutra-de-amigues-todes-elue-e-ile-enfim-ganha-a-tv-e-os-livros.shtml>. Acesso em: 19 out. 2021.

MATEUS, Bruno. Após 70 anos, TV ainda mantém forte influência sobre a sociedade brasileira. **O Tempo**, 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/apos-70-anos-tv-ainda-mantem-forte-influencia-sobre-a-sociedade-brasileira-1.2387379>. Acesso em: 19 out. 2021.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; PIRES, Caroline de Castro. O que aconteceu com o Gênero Neutro Latino?: mudança da estrutura morfossintática do sistema flexional nominal durante a dialeção do latim ao português atual. **Revista Mundo Antigo**, Campos dos Goytacazes, v. 1, n. 2, p. 155-172, dez. 2012. Disponível em: <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2012-2/artigo09-2012-2.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

MOURA, Rafael Moraes. Pronomes neutros ganham espaço nas ruas, redes sociais e até em empresas. **Estadão**, 2019. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pronomes-neutros-ganham-espaco-nas-ruas-redes-sociais-e-ate-em-empresas,70003012260>. Acesso em: 26 set. 2021.

MUSEU da Língua Portuguesa defende o debate do uso de linguagem neutra, após críticas. **Estadão**, 2021. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,museu-da-lingua-portuguesa-e-criticado-pelo-uso-de-linguagem-neutra,70003787483>. Acesso em: 19 out. 2021.

O QUE É GÊNERO não binário e como usar a linguagem neutra no dia a dia. **Revista Galileu**, 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2021/05/o-que-e>

genero-nao-binario-e-como-usar-linguagem-neutra-no-dia-dia.html. Acesso em: 07 set. 2021.

ORTEGA, Anna. **Linguagem não binária desestabiliza as normas e propõe uma maneira mais inclusiva de comunicação.** 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/linguagem-nao-binaria-desestabiliza-as-normas-e-propoe-uma-maneira-mais-inclusiva-de-comunicacao/>. Acesso em: 07 set. 2021.

PANEK, Lucas. **O que é sexo, identidade de gênero e orientação sexual?**. 2015. Disponível em: <https://medium.com/n%C3%A3o-faz-a-fr%C3%ADgida/o-que-%C3%A9-sexo-identidade-de-g%C3%AAnero-e-orienta%C3%A7%C3%A3o-sexual-9a3a361b31e>. Acesso em: 07 set. 2021.

PARLAMENTO venezuelano aprova lei de uso da linguagem com “enfoque de gênero”. **Gazeta do Povo**, 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/breves/parlamento-venezuelano-aprova-lei-de-uso-da-linguagem-com-enfoque-de-genero/>. Acesso em: 19 out. 2021.

PROJETOS de lei pretendem barrar “linguagem neutra” em cidades e estados brasileiros. **Educadora**, 2021. Disponível em: <https://www.educadora.am.br/noticia/projetos-de-lei-pretendem-barrar-linguagem-neutra-em-cidades-e-estados-brasileiros/>. Acesso em: 25 out. 2021.

RAMINELLI, Francieli Puntel *et al.* A influência da internet na construção de movimentos sociais em defesa da democratização das comunicações e da sua regulamentação no Brasil. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 52, n. 205, p. 127-146, maio 2015. Disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r34381.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

RISQUÉ QUER quebrar preconceitos com uso de cores. **PropMark**, 2021. Disponível em: <https://propmark.com.br/marcas/risque-quer-quebrar-preconceitos-com-uso-de-cores/>. Acesso em: 25 out. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado do Rio Grande do Sul (org.). **Manual para o uso não sexista da linguagem.** Porto Alegre: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014. 114 p. Disponível em: [http://www.ssexbbox.com/wp-content/uploads/2019/02/manual\\_para\\_uso\\_ao\\_sexista\\_da\\_linguagem.pdf](http://www.ssexbbox.com/wp-content/uploads/2019/02/manual_para_uso_ao_sexista_da_linguagem.pdf). Acesso em: 26 set. 2021.

USO da internet no Brasil cresce, e chega a 81% da população, diz pesquisa. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/08/18/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-chega-a-81percent-da-populacao-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2021.

VALENTE, Pedro. **Sistema elu, linguagem neutra em género.** 2020. Disponível em: <https://dezanove.pt/sistema-elu-linguagem-neutra-em-genero-1317469>. Acesso em: 26 set. 2020.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006. 152 pp.